

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

Curso C-PEM/85

Partido.....

Solução do P-III-7 (EN) ENSAIO

Apresentada por

MANOEL ALBERTO RAYMONDO SERRÃOCAPITÃO-DE-MAR-E-GUERRA (MD)

NOME E POSTO

**RIO DE JANEIRO**1985



- ARGENTINA, DE 1945 A 1976 -

MANOEL ALBERTO RAYMONDO SERRÃO
Capitão-de-Mar-e-Guerra (Md)

MINISTÉRIO DA MARINHA
ESCOLA DE GUERRA NAVAL

- 1985 -

MM - EGN
BIBLIOTECA
19/06/1986
N: 95

GN-00000673-1

TEMA: ARGENTINA, 1945 A 1976

PONTOS A ABORDAR: A posição argentina durante a Segunda Guerra Mundial, e as conseqüências advindas no âmbito interno e no seu relacionamento hemisférico;

O período 1945/1976, e principais reflexos no condicionamento de sua sociedade para os eventos posteriores.

PROPOSIÇÃO: Analisar os componentes de ordem política, social e econômica, no espaço de trinta anos(1945/1976), da vida argentina.

Avaliar a influência do peronismo (política justicialista) sobre as diversas camadas sociais do povo argentino.

Enfocar a atuação de Perón nessas três décadas, principalmente nos períodos em que esteve como primeiro mandatário da nação.



ÍNDICE

	FOLHA
PROPOSIÇÃO	II
INTRODUÇÃO	IV
CAPÍTULO 1 - SURGE O PERONISMO	1
CAPÍTULO 2 - CONSOLIDAÇÃO DO REGIME	3
CAPÍTULO 3 - UMA DÉCADA DE PERONISMO	5
CAPÍTULO 4 - OS REGIMES DE EXCEÇÃO	8
CAPÍTULO 5 - CONCLUSÕES	10
ANEXO A - DADOS BIOGRÁFICOS	A-1
BIBLIOGRAFIA	A-2

INTRODUÇÃO

O golpe militar perpetrado a 06 de setembro de 1930, contra o governo argentino, foi liderado pelo Tenente-General JOSÉ FÉLIX URIBURU. Este era, declaradamente, partidário de uma estrutura corporativista inspirada no fascismo italiano, mas foi obrigado a adotar uma solução política menos radical: o retorno da elite conservadora ao poder pela via eleitoral. Através da falsificação sistemática dos resultados eleitorais, acompanhada de extrema violência para "desencorajar" os partidos das camadas médias e da classe operária (socialista e comunista), URIBURU propiciou a formação de um governo que permaneceria no poder durante toda a década de 1930, graças ao emprego dos mesmos métodos; por essa razão, essa década passaria a ser conhecida como "década da infâmia".

Nas "eleições" de URIBURU, subiu ao poder o General JUSTO, que não fez mais que defender o comércio de exportação, beneficiando a oligarquia anglófila (dependente do mercado da Grã-Bretanha) dos criadores de gado e produtores de cereais. Suscitou a oposição dos comerciantes e demais setores das classes médias urbanas - ligadas, geralmente, ao Partido Radical -, que reclamava uma industrialização mais avançada e a diversificação da economia.

A elite dirigente argentina, composta principalmente por civis, era em geral anglófila, enquanto a maioria dos militares, que apoiavam e sustentavam o governo, simpatizava com o fascismo. A Segunda Guerra Mundial aguçou essa contradição. Enquanto a elite dirigente não conseguia esconder sua esperança na vitória dos aliados, os militares perguntavam pela neutralidade do país nesse grande conflito. Nas massas populares e camadas médias, as opiniões dividiam-se entre a neutralidade - na medida em que a Grã-Bretanha era a principal

potência imperialista que atuava no país - e a participação ativa na luta contra o fascismo mundial; o peso político das massas era considerável, pois Buenos Aires concentrava um poderoso proletariado industrial.

As dissensões no Exército argentino entre "anglófilos" e "fascistizantes" contribuíram, em grande parte para a rebelião militar de 04 de junho de 1943. Nominalmente dirigido pelo General Ramirez, mas, de fato, pelos Coronéis do Grupo de Oficiais Unidos - (GOU), o novo governo foi obrigado a fazer face à presença operária na sociedade. A compreensão desse fenômeno levaria ao poder um dos membros do GOU, o Coronel JUAN DOMINGO PERÓN. A popularidade de Perón advinha das reformas que fizera durante sua gestão à frente da Secretaria do Trabalho e Bem-Estar Social: aumentos salariais, estabilização dos preços dos gêneros alimentícios, salário mínimo para os trabalhadores agrícolas, proteção para líderes sindicais contra os empregadores, etc.

Com o apoio da classe operária, a ascensão de Perón foi vertiginosa: tornou-se também Ministro da Guerra, Presidente do Conselho da Economia do Pós-Guerra e Vice-Présidente da República. Preocupado com sua influência, os demais líderes militares demitiram-no da vice-presidência e o prenderam. Com essa atitude aumentaram ainda mais a popularidade de Perón: uma gigantesca mobilização popular de "descamisados" - setores urbanos marginalizados - concentrou-se em Buenos Aires, na Plaza de Mayo, em 17 de outubro de 1945 e conseguiu sua libertação.

Perón impulsionara a criação de sindicatos de massa sem ideologia definida, mas profundamente combativos, que suplantaram os tradicionais sindicatos socialistas e comunistas. Permitiu também que a nova estrutura sindical fosse coroada por um organismo central, a Confederação Geral do Trabalho

(CGT). Pouco tempo depois de libertado, Perón apresentou sua candidatura à presidência, sem o apoio dos partidos tradicionais. Contou, entretanto, com a lealdade da maioria dos líderes da CGT, que logo passaria a ser controlada por elementos subservientes à burocracia estatal.

Assim, as bases políticas do peronismo - os operários industriais, multiplicados pela industrialização recente, e os "descamisados" - resultaram diretamente do aumento da população de origem rural nas zonas suburbanas de Buenos Aires. Operários e "descamisados" identificaram-se com o peronismo após anos de insegurança social: receberam do novo regime não apenas uma série de benefícios materiais, mas também um sentimento de segurança e de participação na vida social.

CAPÍTULO 1

SURGE O PERONISMO

A 24 de fevereiro de 1946, nas eleições mais honestas que a Argentina conheceu, Perón, então general, foi eleito presidente da República em condições muito positivas, de início. A Argentina gabava-se de uma balança de comércio bem favorável. Suas reservas cambiais e de ouro totalizavam 1.425 milhões de dólares. A expansão simultânea do mercado mundial e da economia nacional assegurava aos grandes industriais altos preços com enormes lucros. Declinara a influência inglesa no país sem causar uma invasão imediata de interesses americanos. A velha oligarquia encontrava-se debilitada sem estar destruída. A burguesia industrial, as classes médias e o proletariado em geral, haviam aumentado em peso e influência sem adquirir ideologia ou programas políticos próprios.

Todos esses fatores contribuíram para criar um equilíbrio precário e instável entre os vários grupos da sociedade, e relações fluidas entre a Argentina e as grandes potências, fornecendo ao Estado amplo espaço de manobra. Aqueles que se encontravam nos corredores do poder automaticamente adquiriam um certo grau de independência dos vários grupos de pressão (lobbies) domésticos e das restrições do sistema internacional.

Embora a sua política entrasse em agudo conflito com os interesses dos grupos sociais dominantes, por outro lado, sob vários aspectos, trouxe vantagens às classes altas e aos capitães de indústria na Argentina. Em consequência do surto do pós-guerra, o país reunira amplos recursos financeiros e esperava vê-los crescer indefinidamente. Muitas razões fundamentavam essa confiança. Primeiramente, havia as grandes oportunidades para abastecer os países que a Segunda Guerra Mundial

deixara famintos e desolados. Havia, também, a eventualidade de um Plano Marshall para a América Latina e até de uma Terceira Guerra Mundial. Perón acreditou nessa última possibilidade até as últimas horas de sua presidência.

Como o governo de Perón reagiu ao surto? Através do Instituto da Argentina para a Promoção de Intercâmbio (IAPI), órgão de comércio, adquiria produtos primários a preços fixos e vendia-os a preços superiores, no mercado internacional. Os altos lucros resultantes eram utilizados para financiar os planos econômicos do governo, para prestar auxílio a firmas nacionais e de capitais estrangeiros e para subsidiar o consumo interno.

O Banco Central e a maior parte dos serviços públicos passaram a ser controlados pelo Estado. A dívida externa foi consideravelmente reduzida. Foram expandidas a Marinha Mercante e o Transporte Aéreo. O setor público ampliado passou a oferecer serviços que as empresas privadas não podiam ou não queriam assumir. O Banco de Crédito Industrial e outros órgãos financeiros governamentais forneciam um auxílio generoso aos principais empresários. Foi uma época de prosperidade geral, de pleno emprego e altos salários. E mais ainda, os subsídios mantinham os preços baixos sem afetar os lucros das empresas. Tudo isso, juntamente com a manipulação dos sindicatos estatais, permitiu a manutenção de uma trégua nos conflitos sociais.

Desse modo, Perón defendeu os interesses dos industriais e dos financistas limitando, ao mesmo tempo, o seu poder político e a sua autonomia. Esta política ambígua e os efeitos, da demagogia popular, ao controle político estrito, do custo excessivo da manutenção da máquina burocrática, de seus métodos arbitrários e suas extorsões combinaram-se para impedir, que houvesse uma compreensão entre Perón e os grupos sociais dominantes. O conflito, entretanto, mantinha-se latente.

CAPÍTULO 2

CONSOLIDAÇÃO DO REGIME

Por outro lado, o governo de Perón viu-se obrigado a tolerar e até apressar o ingresso das classes operárias na vida política e social do país. Criou, no poderoso aparato sindical, uma escola de treinamento de líderes, de oficiais de grau médio e de ativistas. Aprovou uma legislação trabalhista e previdenciária muito mais avançada do que a existente antes da era de Perón. O papel do proletariado e do povo em geral, cresceu em importância. As classes trabalhadoras tomaram maior consciência do seu poder, de suas oportunidades e de seus direitos. A medida que se cristaliza o seu antagonismo com relação aos empregadores, tomavam consciência da importância da organização como arma na luta social e política. Além disso, a base política foi ampliada com a introdução do sufrágio feminino.

Todos esses fatores, acrescidos de algumas incursões no terreno das liberdades civis, produziram uma vitória esmagadora para Perón nas eleições de 1951. Iniciava-se o seu segundo período presidencial. Eva Perón, sua esposa, desempenhava agora um papel decisivo na sociedade argentina. Mulher de antecedentes de classe baixa, nutria um ardente ressentimento de classe contra as injustiças sociais. Possuía, também, energia e ambições sem limites. Trouxe-as para a política, tomando a seu cargo as relações com a classe operária, especialmente com as mulheres. Ela transformou a política sindical em sua própria esfera de influência.

Mas a preservação do poder parecia exigir uma estrutura semi-autoritária voltada para o controle e a repressão. A Argentina afundava, cada vez mais, na burocracia. O recrutamento para o corpo governamental não dependia de habilidade ou

de integridade, mas da lealdade a Perón. Um verdadeiro culto de personalidade erigiu-se em torno de sua figura, exprimindo-se através do monopólio dos meios de comunicação de massa que acumulavam elogios à sua "doutrina de justiça nacional", título sob o qual se escondia uma ideologia que aos olhos de muitos aparecia como confusa e incoerente e que combinava teorias falangistas espanholas, os princípios do estado do bem-estar e o apoio a um Terceiro Mundo de Estados não alinhados, em desenvolvimento.

O autoritarismo pronunciava-se cada vez mais. Vários grupos clericais e conservadores ferrenhos receberam cargos diretivos nos campos da educação e da cultura, que mergulharam, assim, em profundezas incogruentes com os níveis de sofisticação social e intelectual que a Argentina atingira. O governo reformou a Constituição e a lei para instituir uma temível máquina repressiva baseada na polícia e no exército. A oposição parlamentar não foi totalmente suprimida, mas a sua representação nos vários níveis parlamentares (nacional, provincial e municipal) foi acentuadamente restringida. O quadro se completava com a restrição da liberdade de palavra, com perseguições e prisões.

Os Sindicatos e a Confederação Geral do Trabalho (CGT) terminaram sob o controle de burocratas servis que se transformaram num grupo privilegiado de funcionários do Estado. As grandes empresas sofreram pressões para aceitar a liderança sindical, ignorando os verdadeiros militantes da classe operária. Os protestos espontâneos (alguns em larga escala, como a greve do açúcar de 1948 ou a greve dos ferroviários de 1951) eram reprimidos. Alguns gestos de independência dos sindicatos ou da CGT eram sufocados. Os grupos que haviam patrocinado a ascensão de Perón ao poder foram substituídos pelo Partido Peronista único.

CAPÍTULO 3

UMA DÉCADA DE PERONISMO

Entre os anos de 1946 e 1951, a ênfase da industrialização localizou-se na manufatura leve. Depois, em 1952, houve uma tentativa de solucionar os problemas causados pela falta de indústria pesada e pelo atraso em que se encontrava o setor de combustível e de energia, porém essa tentativa não obteve êxito. Os equipamentos na indústria, na agricultura, no setor de energia e no de transportes estavam bastante desgastados. Num momento de redistribuição de renda e de ascensão salarial, criou-se uma situação em que havia um excesso de dinheiro em relação a poucos produtos. Disso resultou a inflação.

Várias são as razões do fracasso da capitalização da economia argentina. Perón e sua equipe desperdiçaram recursos financeiros e cambiais irracionalmente. Os Estados Unidos vendiam maquinaria à Argentina a altos preços e compravam, em troca, pequena quantidade de produtos argentinos a preços baixos. Os americanos praticavam o "dumping" em competição direta com os produtos agropecuários argentinos e impuseram-lhes um bloqueio financeiro. Os acordos bilaterais com a Grã-Bretanha, embora desacelerassem a penetração dos interesses americanos na Argentina, contribuíam, também para a subcapitalização da economia do país.

Com a recuperação da Europa, desapareceram de um momento para o outro, as excepcionais condições de comércio do período de pós-guerra. O mercado interno retraiu-se, o crescimento industrial diminuiu, as bancarrotas e o desemprego multiplicaram-se de modo alarmante. A corporação estatal IAPI não mais podia continuar pagando subsídios ao consumo nacional, o que havia possibilitado, anteriormente, altos salários e ele

vados lucros, ao mesmo tempo. A inflação decorrente desses fatores afetou tanto as classes médias quanto as massas urbanas e rurais. Congelaram-se os aumentos salariais e os salários reais diminuíram. O PNB, em 1955, caíra ao nível apresentado em 1948. O efeito econômico favorável da Guerra da Coréia aliviou momentaneamente a crise, mas após o ano de 1952 a situação se deteriorou. Surgia, então, entre Perón e o "big business" o esboço de uma frente comum contra os trabalhadores. O governo peronista também modificou sua atitude com relação às empresas estrangeiras e as grandes potências. A Argentina deslocava-se da órbita inglesa para a americana. Em 1950, obteve um crédito de 125 milhões de dólares do Banco de Exportação e Importação. Em 1953, uma nova lei de investimentos externos forneceu a estrutura formal para um tratamento excepcionalmente generoso das empresas estrangeiras. Seguiram-se, imediatamente, concessões às manufaturas de carros americanos e às companhias de petróleo.

Nessa mesma época, surgiu, pela primeira vez desde 1945, a possibilidade da formação de uma frente antiperonista. Foi rompido o delicado equilíbrio de forças políticas e sociais. Emergiu o espectro de uma insurreição de massas. O sistema de Perón se tornaria inútil e até perigoso aos olhos dos grupos de poder tradicionais. A corrupção avultava desenfreadamente. Mesmo a energia e a iniciativa características da personalidade de Perón pareciam faltar. As sementes da conspiração haviam sido lançadas pouco depois do triunfo de Perón em 1946 e já iam germinando no levante militar frustrado de 1951. O poder de Perón ainda repousava no apoio das massas e do Exército e na inexistência de uma frente de oposição sólida. Entretanto, a crise econômica e a repressão política haviam atingido duramente as massas e estas sentiam-se agora vagamente desiludidas com o regime. Surgiram cisões e

facções dentro do Exército, Marinha e Aeronáutica. O conflito com a Igreja, que eclodira em 1954, agiu como elemento conflagrador.

A Igreja recebera benefícios evidentes do governo de Perón, que distribuiu privilégios substanciais de todo o tipo: controle da educação e da cultura, influência política e social. Quando a Igreja organizou um pequeno partido democrata-cristão próprio, Perón reagiu veementemente. A Igreja assumiu a liderança das forças conspiradoras, diluiu a lealdade das Forças Armadas a Perón e preparou o caminho para a derrubada do regime.

A 16 de junho de 1955 fracassou uma primeira tentativa precipitada do golpe contra Perón. Entretanto, o Palácio do Governo ("Casa Rosada") e a "Plaza de Mayo", em Buenos Aires, foram bombardeados por via aérea e inúmeras pessoas perderam a vida nesse acontecimento. O Exército salvou Perón momentaneamente, mas deslocou o equilíbrio político a seu próprio favor, transformando o governo em seu prisioneiro e forçando o presidente a diminuir o seu controle sobre a vida política do país. Uma tentativa final, por parte de Perón, de recuperar a iniciativa, com toda a ameaça que isso representava para os seus opositores, levou a um segundo golpe.

A 16 de setembro de 1955, a cidade de Córdoba tornou-se o centro de uma rebelião militar e alguns dias depois a Marinha Argentina aderiu à revolta. Perón ainda dominava os instrumentos de repressão mas não conseguiu utilizá-los decisivamente e nem mobilizar a sua base de poder político entre as classes operárias. Entregou-se sem resistência e partiu para um exílio de pompa e luxo. Receberam-no os Presidentes: Stroessner, do Paraguai; Trujillo, da República Dominicana e Franco, da Espanha. Continuou, à distância, a representar um fator poderoso na política operária argentina.

CAPÍTULO 4

OS REGIMES DE EXCEÇÃO

O novo regime, instaurado pela revolução, favoreceu política e economicamente os grupos conservadores ligados ao setor primário, que passaram a combater o já substancialmente fracassado processo de industrialização. Porém, enquanto o novo regime tentava consolidar-se, surgiram novos aspirantes à herança do peronismo. Destacou-se, dentre esses herdeiros, Arturo Frondizi, um antigo adversário do peronismo que conseguiu eleger-se presidente no ano de 1958.

Após 4 anos de mandato, Frondizi foi deposto pelas Forças Armadas em 1962. No ano seguinte realizaram-se novas eleições presidenciais, tendo sido eleito Arturo Illia, candidato dos grupos conservadores. Graças à expansão da produção agrícola Illia, conseguiu, durante três anos, um saldo positivo na balança comercial, porém, mesmo assim teve que continuar uma rígida política de austeridade econômica. Em 1966 Illia foi deposto pelas Forças Armadas, que assumiram o poder e entregaram a presidência ao General Juan Carlos Onganía que dissolveu as Assembléias e o Congresso e extinguiu os partidos políticos. Movimentos de protesto eclodiram em Corrientes, Rosário e Córdoba, grande centro industrial onde, em 1969, um movimento de massas marcou o começo da derrocada do governo de Onganía.

Em 1970, o assassinato de Aramburu, líder da oposição, pelos Montoneros (facção de esquerda do Peronismo) provocou a queda de Onganía, que foi substituído pelo General Roberto Marcelo Levingston. No ano seguinte, 1971, Levingston foi deposto pelas Forças Armadas que colocou em seu lugar o General Alejandro Lanusse, que logo se defrontou com um sério dilema: promover a restauração constitucional, ou garantir o

o exercício do poder político pelos militares. Como, nessa última hipótese, teria que desencadear um violento processo de repressão, devido ao recrudescimento do terrorismo e à radicalização do peronismo, Lanusse optou pela restauração constitucional e, em 1973, transferiu o governo ao novo presidente eleito, o líder peronista Héctor Cámpora.

Cámpora, que se comprometera a devolver o poder, a Perón renunciou logo em seguida, sendo substituído por Raul Lastiri, que convocou novas eleições. Perón apresentou-se então como candidato e foi eleito por esmagadora maioria, juntamente com sua esposa Isabelita, eleita para a vice-presidência. Agravando-se o processo de radicalização política do país, com divisões no movimento peronista e o recrudescimento de ações armadas dos grupos de esquerda e de direita. Com sua morte, em 1974, Isabelita assumiu o poder, sendo deposta em 1976 por uma junta militar e substituída na presidência pelo General Jorge Rafael Videla. A exemplo do que fizera Onganía após a queda de Illia, o novo Chefe de Estado Argentino destituiu os governadores das províncias, suspendeu as atividades dos sindicatos e partidos políticos, fechou as universidades, prendeu os principais líderes do governo anterior e desencadeou um amplo movimento de repressão aos grupos extremistas de esquerda, como o Exército Revolucionário do Povo (ERP) e os Montoneros.

83
84
75

CAPÍTULO 5

CONCLUSÕES

Após a realização deste trabalho, concluimos que, sem dúvida alguma, nenhum governante pode exercer eficazmente sua missão, sem a participação plena e efetiva do povo que dirige. Os fatores sociais, econômicos e culturais são condições preponderantes para a integração e unificação de todas as classes e setores de um país.

Apesar dos graves erros da política peronista, esse processo político foi fundamental para o proletariado argentino. Os governos que se seguiram foram impotentes na tentativa de anular o poderio da ideologia peronista em toda a Argentina.

O movimento militar iniciado em 1966 por figuras de força e prestígio, demonstrou que, apesar das grandes dificuldades, a massa popular não chegou a ser possuída de sentimento anti-militar. O compromisso dos governos militares de dar ao país estabilidade monetária para implementar seu desenvolvimento, resultou em retumbante fracasso, dando origem a um processo inflacionário de efeitos altamente danosos para a economia argentina.

O peronismo vem dividindo os argentinos desde a primeira eleição de Perón, em 1946. Um dos objetivos de uma série de golpes militares realizados desde então, tem sido eliminar o peronismo. Esse movimento é acusado de ser demagógico e de estar tentando se reformular, depois da morte de Perón em 1974, com a ajuda de líderes sindicais direitistas.

ANEXO A

DADOS BIOGRÁFICOS

Juan Domingo Perón nasceu na cidade argentina de Lobos, Província de Buenos Aires, em 08 de outubro de 1895 e morreu na cidade de Buenos Aires, em 19 de julho de 1974. Militar de carreira, o Coronel Perón participou da Junta que tomou o poder em 1943, tendo-se popularizado junto às massas operárias, os "descamisados", graças à sua pregação política de fundo populista e a diversas medidas de caráter social.

Preso em outubro de 1945, foi libertado alguns dias mais tarde, sob pressão dos sindicatos e de seus partidários conduzidos por Eva Duarte (1919-1952), depois sua esposa. Eleito presidente em 1946, dirigiu a Argentina de maneira autoritária, contando com o apoio das Forças Armadas, da polícia e do movimento operário, e inspirando-se no Justicialismo, doutrina fortemente influenciada pelo fascismo italiano.

Nacionalista, contrário à influência dos Estados Unidos da América, Perón procurou libertar o seu país da dominação econômica estrangeira. Utilizou as divisas ganhadas durante a Segunda Guerra Mundial para adquirir as estradas de ferro de propriedade inglesa, dotou a Argentina de um sistema de segurança social e instituiu uma política de orientação totalmente dirigista. Para financiar a industrialização, estabeleceu o monopólio do Estado sobre a venda dos produtos agrícolas, comprados aos fazendeiros a baixo preço. Essa política financeira, entretanto, acarretou a queda da produção e a estagnação econômica.

A partir de 1952, Perón modificou suas posições: reaproximou-se dos EUA e da alta burguesia, e desentendeu-se com a Igreja Católica. Em setembro de 1955, deposto por um gol-

pe de Estado militar, foi obrigado a deixar o país, exilando-se sucessivamente no Panamá, na Venezuela e na Espanha. Nem por isso, contudo, o partido peronista perdeu a sua extraordinária força política: durante o governo do General Alejandro Agustin Lanusse (1971-1973), restituiu-se aos peronistas o direito à representação eleitoral.

Assim, depois de eleito presidente, em 11 de março de 1973, o candidato da Frente Justicialista de Libertação, Héctor Cámpora, renunciou menos de três meses mais tarde, a fim de que, um novo pleito, Perón pudesse candidatar-se e ser escolhido pela esmagadora maioria do eleitorado argentino, o que ocorreu em setembro desse mesmo ano, tendo como Vice-Presidente sua segunda mulher - Maria Estela Martinez de Perón - também conhecida pelo apelido de Isabelita.

Durante seu segundo mandato, acirraram-se as contradições que existiam dentro do peronismo e multiplicaram-se os choques entre as diversas facções, bem como os atentados terroristas. No entanto, mantiveram-se coesos as Forças Armadas e os principais partidos políticos, na intenção firme de evitar a todo custo que o país fosse lançado a uma guerra civil.

Com a morte de Juan Perón, em 1974, ascendeu à presidência a sua substituta legal, que prosseguiu na luta pela pacificação dos peronistas e contra o recrudescimento do terrorismo.

Figura altamente controvertida, Perón desempenhou, inegavelmente, importante papel na política da América Latina, sendo poucos os líderes políticos da atualidade que tiveram, como ele, tão extraordinária capacidade de congregar as massas populares.

BIBLIOGRAFIA

1. A singular sucessão argentina. VEJA, Rio de Janeiro, 1973 (254): 44-48, 18 de julho.
2. BENTON, WILLIAM in., Enciclopédia Barsa, São Paulo, 1964, 16v., v.10. p.414.
3. HISTÓRIA VIVA - 150 años de la vida del País en las entrañas del Mundo - 1816/1966 - Caderno especial do jornal LA RAZÓN, Buenos Aires, 09 de Julio de 1966:137-157.
4. HOUAISS, ANTONIO in. Enciclopédia Mirador Internacional, São Paulo, 1976, 20v. v.16 p.8795/8796.
5. PRIETO, Ramón. Treinta años de vida argentina, 1945-1975. Buenos Aires, Editorial Sudamericana, 1977, 286p.



00006710000095

Argentina, de 1945 a 1976

1-A-44

de 1945 a 1976

Serrão, Manoel Alberto Raymond
O

Argentina, de 1945 a 1976

TÍTULO

1-A-44

RETRON EM

DATA DO LEITUR (95/86)

~~16 SET 88~~

18 NOV 87

*L. C. F. / LAIS
J. M. S. de
MAUBRIAGES*

~~8 set
30 AGO 88~~

CF SILVA NUNES

25 NOV 88

CF SILVA NUNES

27 OUT 1993

CC (FN) CUSTODIA

02 MAI 1996

CC STUMPF